

Bases para uma educação inovadora

José Moran

www2.eca.usp.br/moran

moran10@gmail.com

Do meu livro *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*.
Campinas: Papirus, pág. 39-72.

Uma educação inovadora se apoia em um conjunto de propostas com alguns grandes eixos que lhe servem de guia e de base. As tecnologias favorecem mudanças, mas os eixos são como diretrizes fundamentais para construir solidamente os alicerces dessas mudanças.

As bases ou eixos principais de uma educação inovadora são:

- o conhecimento integrador e inovador,
- o desenvolvimento da autoestima/autoconhecimento,
- a formação do aluno-empresendedor
- a construção do aluno-cidadão

São pilares que, com o apoio das tecnologias, poderão tornar o processo de ensino-aprendizagem muito mais flexível, integrado, empreendedor e inovador. Vejamos como entender estes eixos fundamentais.

1. A primeira base da mudança é o foco no conhecimento integrador e inovador

“Sempre há o que aprender, ouvindo, vivendo e sobretudo, trabalhando, mas só aprende quem se dispõe a rever as suas certezas.” Darcy Ribeiro

Conhecer na incerteza

A educação é um processo onde reunimos o maior número de certezas para lidar com as incertezas. Tentamos falar sobre algo – o conhecimento – que compreendemos parcialmente e só podemos fazê-lo, de forma precária, humilde e compartilhada. O conhecimento é nosso foco, nossa matéria prima e, ao mesmo tempo, nosso problema. Somos especialistas na precariedade de conhecer. Somos especialistas em algo que não dominamos plenamente. Nossa matéria prima, nossa finalidade se nos escapa e, ao mesmo tempo, somos os especialistas responsáveis por fazer a integração, a compreensão parcial, seu desvendamento provisório, aos poucos.

“A educação deve mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado. O conhecimento é causa de erros e ilusões. Devemos destacar, em qualquer sistema educacional, as grandes interrogações sobre nossas possibilidades de

conhecer. O conhecimento permanece como uma aventura para a qual a educação deve fornecer o apoio indispensável”¹.

Conhecemos tudo menos o principal: de onde viemos; o sentido profundo do que fazemos e para onde nos encaminhamos. A informação é o primeiro passo para conhecer. Conhecer é relacionar, integrar, contextualizar, incorporar o que vem de fora. Conhecer é saber, desvendar, é ir além da superfície, do previsível, da exterioridade. Conhecer é aprofundar os níveis de descoberta, é penetrar mais fundo nas coisas, na realidade, no nosso interior. Conhecer é tentar chegar ao nível da sabedoria, da integração total, da percepção da grande síntese, que se consegue ao comunicar-se com uma nova visão do mundo, das pessoas e com o mergulho profundo no nosso eu. O conhecimento se dá no processo rico de interação externo e interno.

“O ser humano é complexo e traz em si, de modo bipolarizado, caracteres antagônicos: *sapiens e demens* (sábio e louco); *faber e ludens* (trabalhador e lúdico); *empiricus e imaginarius* (empírico e imaginário), **economicus e consumans** (econômico e consumista); *prosaicus e poeticus* (prosaico e poético)”.

“O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. É preciso que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos.

A condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o ensino. Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele. Todo conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente. “Quem somos?” é inseparável de “Onde estamos”, “De onde viemos” e, “Para onde vamos?” (MORIN, cap.III)

Na descoberta dos caminhos para viver passamos por etapas de deslumbramento, de desânimo, de escuridão, de realização, de paz, de inquietação. Em cada etapa o horizonte se modifica: ora vemos o arco-íris na nossa frente ora montanhas intransponíveis.

Caminhar na vida nos ensina também a relativizar quase tudo: teorias, promessas, perspectivas, crenças. Vamos mudando: o que nos servia numa etapa não nos ajuda mais; ideias que pareciam superadas, de repente voltam a fazer sentido. Essa é uma das grandes lições da vida: ***sabemos que sabemos pouco***.

É mais o que se nos escapa do que o que conhecemos. O tempo nos ensina a humildade. No começo pensamos ter explicações para tudo, saber as razões dos nossos pensamentos e ações. Aos poucos, constatamos a complexidade de variáveis que se escondem atrás de cada pessoa, de cada interação, de cada decisão. Descobrimos que há um universo invisível e atuante junto com o visível, mas até onde se estende o invisível é um mistério. Quem sabe explicar o universo? Quem sabe dar conta da complexa interação de energias que circulam dentro e em torno de nós? Quem tem certeza das explicações

¹ Edgar MORIN. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**, p.

fundamentais para a nossa vida?. **O essencial se nos escapa.** Conhecemos muito da superfície das coisas e pouco da profundidade, do que realmente fundamenta tudo.

O contato com pessoas tão diferentes com as quais interagimos, **nos vai mostrando mil formas de perceber, de sentir, de pensar, de agir, de interagir.** Encontramos pessoas que parecem captar dimensões mais ricas da realidade, por meios diferentes dos convencionais. Deixando de lado os que trapaceiam, vemos pessoas que são sensíveis, honestas, que têm certos poderes de percepção ou de cura, fora dos padrões convencionais. Esses poderes, se de um lado lhes conferem superioridade em determinados momentos, também lhes trazem inúmeros problemas pessoais como dificuldade em gerenciamento emocional, propensão a crises emocionais. Há mais saberes que os reconhecidos, assim como há uma amálgama de explicações irrealis, míticas, que dificultam a compreensão da realidade.

Estamos numa etapa de ampliação do conhecimento do universo em todas as dimensões, científica, psicológica e também no que chamamos “espiritual”. A humanidade vem tentando entender e organizar o sagrado. As religiões procuram dar visibilidade a toda uma série de buscas pessoais e coletivas da humanidade. Mas o sagrado ultrapassa essas formalizações. Há muito mais e, ao mesmo tempo, não conseguimos ainda explicitá-lo claramente.

As pessoas constroem e possuem um grau de conhecimento maior ou menor. O conhecimento é propriedade intelectual que se compartilha livremente ou não. Há um compartilhamento aberto na escola, nas bibliotecas, no acesso livre em páginas da WEB sem senhas. Ao mesmo tempo há um compartilhamento que é um bem econômico, que é pago: a escola lucra com a venda de conhecimento e repassa uma parte dos ganhos para o professor, como em qualquer atividade econômica. O conhecimento, fora da escola, se compartilha livremente nos grupos de discussão, nos *blogs*, em páginas abertas WEB e, simultaneamente, é comercializado como um bem. Consultores e professores alugam seu tempo, cobrando pelo seu trabalho. Capital intelectual é isso: conhecimento pessoal que se comercializa. Estamos sim na era do conhecimento, que se move segundo as leis do sistema econômico vigente, o capitalismo financeiro.

Com todas essas ressalvas e dificuldades sobre a complexidade do conhecimento, dos professores se espera que sejam especialistas nele. Só que o conhecimento se constrói no processo, não se transmite simplesmente. Como diz Paulo Freire: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção”.² E o ensinar é um caminho também de aprendizagem. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”³.

Sobre o ensinar é uma área onde, ao menos teoricamente, temos avançado bastante. Aos poucos vamos deslocando o foco no ensinar para o aprender; do professor não é mais o centro, mas o aluno. Temos hoje muitos projetos, propostas, experiências

² Paulo FREIRE. **Pedagogia da autonomia**, p. 22.

³ *Ibid*, p.23.

também sobre novas formas de aprender. Com as tecnologias podemos flexibilizar esse currículo e ampliar os espaços de aprendizagem e as formas de fazê-lo.

Os principais obstáculos para a aprendizagem inovadora são: O currículo engessado, a formação deficiente de professores e alunos, a cultura da aula tradicional que leva os professores a privilegiarem o ensino, a informação, o monopólio da fala . Também são obstáculos: o excessivo número de alunos, de turmas, de matérias que muitos professores assumem e a obsessão pela preparação para o vestibular das melhores universidades, o que concentra a atenção no conteúdo provável desse exame e não na formação integral do adolescente.

O conhecimento não estruturado e o organizado

O conhecimento é mais pleno quando combina dois processos complementares: o divergente (menos organizado) e o convergente (o organizado).

O conhecimento **não-estruturado** explora todas as possibilidades, na busca do novo. Precisa, para acontecer, expressar uma atitude de não julgamento imediato, de deixar fluir, de observar, de interagir.

Os fatores principais do pensamento divergente são:

- flexibilidade: relacionar ideias de categorias diferentes
- fluência: desenvolver ideias em quantidade
- originalidade: pensar ideias diferentes.

O conhecimento **organizado** ou convergente acontece numa segunda etapa. Depois da explosão criativa, onde há ideias em quantidade e algumas delas contraditórias, é necessário sistematizá-las, organizá-las, dar-lhes uma estrutura, mas com flexibilidade.

No conhecimento integrado há uma combinação:

- de previsibilidade e de imprevisibilidade
- de segurança (programa) e incerteza (risco, novas buscas)
- de criatividade e organização
- do individual e do social.

A evolução se dá na alternância equilibrada entre o pensamento divergente e o convergente. Em buscar, pesquisar sem medos, críticas e, depois, organizar, estruturar, julgar, escolher, filtrar. Na interação entre o divergente e o convergente encontraremos os melhores caminhos para a nossa evolução.

As habilidades cognitivas ligam-se à descoberta, reconhecimento ou compreensão da informação (fenômenos concretos, fatos, ideias, sentimentos). É a habilidade básica, necessária para as outras operações. As habilidades mnemônicas são as envolvidas na retenção, estocagem ou lembrança da informação.

O pensamento divergente e convergente nos ajuda a explicar uma parte significativa das interações sociais e dos caminhos individuais e sociais. Pelo conhecimento divergente, buscamos novas informações, novos dados, situações. Pelo conhecimento convergente, estruturamos esses novos dados, os integramos em um código, os organizamos dentro de um conjunto.

O pensamento divergente é baseado na tensão, na busca, na incerteza, na oposição. No pensamento divergente há luta de opostos, há ruptura, choque, dialética, contradição.

No pensamento convergente procuramos a integração, a estruturação, a organização, o balanceamento, o equilíbrio, a superação do passado, aproveitando os pontos positivos.

Do ponto de vista metodológico o professor precisa aprender a equilibrar processos de organização e de “provocação” na sala de aula. Uma das dimensões fundamentais do educar é ajudar a **encontrar uma lógica dentro do caos de informações** que temos, organizar numa síntese coerente (mesmo que momentânea) das informações dentro de uma área de conhecimento. Compreender é organizar, sistematizar, comparar, avaliar, contextualizar. Uma segunda dimensão pedagógica procura **questionar essa compreensão, criar uma tensão para superá-la**, para modificá-la, para avançar para novas sínteses, novos momentos e formas de compreensão. Para isso o professor precisa questionar, tensionar, provocar o nível da compreensão existente.

Predomina a organização no planejamento didático quando o professor trabalha com esquemas, aulas expositivas, apostilas, avaliação tradicional. O professor que dá tudo mastigado para o aluno, de um lado facilita a compreensão; mas, por outro, transfere para o aluno, como um pacote pronto, o nível de conhecimento de mundo que ele tem.

Predomina a “desorganização” no planejamento didático quando o professor trabalha encima de experiências, projetos, novos olhares de terceiros: artistas, escritores...

Em qualquer área de conhecimento podemos transitar entre a organização da aprendizagem e a busca de novos desafios, sínteses. **Há atividades que facilitam a organização e outras a superação.** O relato de experiências diferentes das do grupo, uma entrevista polêmica podem desencadear novas questões, expectativas, desejos. Mas também há relatos de experiências ou entrevistas que servem para confirmar nossas ideias, nossas sínteses, para reforçar o que já conhecemos.

Por exemplo, **na utilização do vídeo na escola**, vejo dois momentos ou focos que podem alternar-se e combinar-se equilibradamente:

- 1) Quando o vídeo provoca, sacode, provoca inquietação e serve como abertura para um tema, como uma sacudida para a nossa inércia. Ele age como tensionador, na busca de novos posicionamentos, olhares, sentimentos, ideias e valores. O contato de professores e alunos com bons filmes, poesias, contos, romances, histórias, pinturas alimenta o questionamento de pontos de vista formados, abre novas

perspectivas de interpretação, de olhar, de perceber, sentir e de avaliar com mais profundidade.

2) Quando o vídeo serve para confirmar uma teoria, uma síntese, um olhar específico com o qual já estamos trabalhando. É o vídeo que ilustra, amplia, exemplifica.

O vídeo e as outras tecnologias tanto podem ser utilizados para organizar como para desorganizar o conhecimento. Depende de como e quando os utilizamos.

Há professores que privilegiam a desorganização, o questionamento, a superação de modelos e não chegam a sínteses, nem que sejam parciais, provisórias. Vivem no incessante fervilhar de provocações, questionamentos, novos olhares.

Nem o sistematizador nem o questionador podem prevalecer no conjunto. É importante ***equilibrar organização e inovação; sistematização e superação.***

Educar um processo dialético, quando bem realizado, mas que, em muitas situações concretas, se vê diluído pelo peso da organização, da massificação, da burocratização, da “rotinização”, que freia o impulso questionador, superador, inovador.

O conhecimento racional e o intuitivo

Os caminhos para o conhecimento através do sensorial se cruzam com os da intuição. O caminho intuitivo é o da descoberta, das conexões inesperadas, das junções, das superposições, da navegação não linear, da capacidade de maravilhar-se, do aprofundamento do conhecimento psíquico, de formas de comunicação menos conscientes.

A intuição é o resultado de uma síntese de todos os processos inclusive os racionais, que consegue ultrapassar os limites do previsível, do já aceito de antemão e captar novas dimensões, muitas vezes, só semi-percebidas, que podem reorientar a nossa vida, começar um novo caminho de pesquisa teórica ou de mudanças imprevistas. A intuição é um caminho fundamental para o conhecimento integrado, um conhecimento por conexões rápidas, por processos de generalização a partir de poucas situações prévias.

A intuição não é cega nem irracional. Consegue-se com a abertura do nosso ser, da nossa mente para perceber, sentir, ver de uma forma mais aberta, mais livre, menos preconceituosa. A intuição é um processo de conhecimento que, assim como o racional, aperfeiçoa-se com a prática, com o apoio às condições positivas de abertura prestando atenção a todos os sentidos exteriores e interiores do indivíduo.

A intuição não se opõe à razão, mas não segue exatamente os mesmos caminhos. A intuição está ligada à capacidade de relacionar mais livremente os dados, de associar temas de forma inesperada, de aprender pela descoberta. Para o conhecimento racional precisamos concentrar-nos no tema que estamos estudando. Para o desenvolvimento do conhecimento intuitivo precisamos relaxar internamente, dialogar conosco, decodificar a linguagem do silêncio, entrar em ambientes tranquilos, sem depender continuamente de

ambientes sonoros externos acelerados, como os do rádio, da televisão (usados muitas vezes como pseudo-companhia, como fuga de si mesmo). O relaxamento é uma das condições do conhecimento em profundidade. Relaxar não é só uma atitude física corporal, mas uma atitude permanente, profunda de encarar a vida com tranquilidade, com paz. O relaxamento facilita a aprendizagem, desenvolve a intuição, a capacidade de relacionar, de ter novos *insights*.

A pedagogia da incerteza

O educador, além de conhecer uma área específica onde é especialista, procura ajudar o aluno a compreendê-la e a situar esse pedaço, essa área, dentro do processo e contexto maiores, que são os do compreender o todo. Além de conhecer, ele precisa aprender a ensinar, isto é, a organizar ações que facilitem a aprendizagem do aluno, a ampliação do conhecimento deste tanto na área específica como no todo.

A pedagogia da incerteza é feita com um mínimo de certezas. Quando damos tudo pronto, como algo certo, contribuímos para falsear a relação dos alunos com o conhecimento. Quando escrevemos todo com clareza e objetividade, mascaramos o processo, que é penoso, ambíguo e incerto. Por isso, na pedagogia, não podemos facilitar só o que é certo, mas criar situações de desafio, de validar várias opções. **Quando focamos mais a certeza do que a incerteza não preparamos os alunos para a vida.** Uma parte do que falamos e trabalhamos na relação pedagógica está consolidado. Sobre certos temas possuímos, dentro de determinados contextos, um sólido conhecimento. Mas não podemos esquecer do contexto maior onde esses temas se situam; o contexto ou cenário maior não são exatos nem previsíveis. Precisamos trabalhar, na pedagogia, entre a certeza e a incerteza, entre a organização e a desorganização, focando em momentos uma ou outra, mas não permanecendo unicamente na lógica da certeza nem no caos e na desordem.

Se forçamos a incerteza e construímos o conhecimento em processo, não podemos manter o ensino focado em conhecimentos prontos, estáveis, acabados. Não podemos exigir provas de resposta certa, na maior parte das situações de avaliação, principalmente na área de humanas.

As tecnologias nos ajudam nesta construção, facilitando a pesquisa, a interação e, principalmente, a personalização do processo. Pela pesquisa, aceleramos o acesso ao que de melhor acontece perto e longe de nós. Pela interação aprendemos com a experiência dos outros. Com a personalização, adaptamos o processo de aprendizagem ao ritmo possível de cada aluno, às condições reais de cada um, às motivações concretas.

As tecnologias são cada vez mais multimídia, multi-sensoriais. As gerações atuais precisam mais do que antes do toque, da muleta audiovisual, do andaime sensorial. É um pondo de partida, uma condição de identificação, de sintonização para evoluir, aprofundar. O problema é que muitos, durante a vida toda, não ultrapassam a necessidade do apoio sensorial e permanecem nas dimensões mais aparentes da informação e do conhecimento. Permanecem na periferia das possibilidades do conhecimento. Permanecem num conhecimento “amarrado”, que não voa, porque

sempre precisa dos andaimes das sensações, das imagens, da mediação sensorial. Este é um dos problemas do homem atual: cada vez depende mais das mediações sensoriais. Sem elas não consegue voar; com elas, se agita muito, mas pode não evoluir tanto quanto as aparências prometem.

2. A segunda base da mudança é o foco no desenvolvimento da autoestima

"Os alunos só terão sucesso na escola, no trabalho e na vida social se tiverem autoconfiança e autoestima. A escola de hoje não trabalha isso", afirma Wong ao sugerir que as instituições de ensino criem cursos de psicologia comportamental em que os alunos possam aprender mais sobre si mesmos. Segundo ele, a autoconfiança só se adquire por meio de auto-conhecimento⁴. A educação, como as outras instituições, se baseia na desconfiança, no medo a sermos enganados pelos alunos, na cultura da defesa, da coerção externa. O desenvolvimento da autoestima é um grande tema transversal. É um eixo fundamental da proposta pedagógica de qualquer curso. Este é um campo muito pouco explorado, apesar de que todos concordamos que é importante. Aprendemos mais e melhor se o fazemos num clima de confiança, de incentivo, de apoio, de auto-conhecimento. Se estabelecemos relações cordiais, de acolhimento para com os alunos, se nos mostramos pessoas abertas, afetivas, carinhosas, tolerantes e flexíveis, dentro de padrões e limites conhecidos. "Se as pessoas são aceitas e consideradas, tendem a desenvolver uma atitude de mais consideração em relação a si mesmas"⁵.

Temos baseado a educação mais no controle do que no afeto, no autoritarismo do que na colaboração. "Talvez o significado mais marcante de nosso trabalho e de maior alcance futuro seja simplesmente nosso modo de ser e agir enquanto equipe. Criar um ambiente onde o poder é compartilhado, onde os indivíduos são fortalecidos, onde os grupos são vistos como dignos de confiança e competentes para enfrentar os problemas - tudo isto é inaudito na vida comum. Nossas escolas, nosso governo, nossos negócios estão permeados da visão de que nem o indivíduo nem o grupo são dignos de confiança. Deve existir poder sobre eles, poder para controlar. O sistema hierárquico é inerente a toda a nossa cultura".⁶

A afetividade na relação pedagógica

A afetividade é um componente básico do conhecimento e está intimamente ligado ao sensorial e ao intuitivo. A afetividade se manifesta no clima de acolhimento, de empatia, inclinação, desejo, gosto, paixão, de ternura, da compreensão para consigo mesmo, para com os outros e para com o objeto do conhecimento. A afetividade

⁴ Marina ROSENFELD. "Guru" de recursos humanos critica escolas. Disponível em: www2.uol.com.br/aprendiz/noticias/congressos/id200504_02.shtml

⁵ Carl ROGERS. Um jeito de ser, p. 39.

⁶ Ibid, p.65-66.

dinamiza as interações, as trocas, a busca, os resultados. Facilita a comunicação, toca os participantes, promove a união. O clima afetivo prende totalmente, envolve plenamente, multiplica as potencialidades. O homem contemporâneo, pela relação tão forte com os meios de comunicação e pela solidão da cidade grande, é muito sensível às formas de comunicação que enfatizam os apelos emocionais e afetivos mais do que os racionais.

“O homem da racionalidade é também o da afetividade, do mito e do delírio (*demens*). O homem do trabalho é também o do jogo (*ludens*). O empírico é também o imaginário (*imaginarius*); o da economia é também o do consumismo (*consumans*); o prosaico é também da poesia, do fervor, da participação, do amor, do êxtase. O amor é poesia. Um amor nascente inunda o mundo de poesia, um amor duradouro irriga de poesia a vida cotidiana, o fim de um amor, devolve-nos à prosa. No ser humano, o desenvolvimento do conhecimento racional-empírico-técnico jamais anulou o conhecimento simbólico, mágico ou poético” (MORIN, cap.I)

A educação precisa incorporar mais as dinâmicas participativas como as de auto-conhecimento (trazer assuntos próximos à vida dos alunos), as de cooperação (trabalhos de grupo, de criação grupal) e as de comunicação (como o teatro ou a produção de um vídeo).

Na educação podemos ajudar a desenvolver o potencial que cada aluno tem, dentro das suas possibilidades e limitações. Para isso, precisamos praticar a pedagogia da compreensão contra a pedagogia da intolerância, da rigidez, a do pensamento único, da desvalorização dos menos inteligentes, dos fracos, problemáticos ou “perdedores”.

Praticar a pedagogia da inclusão. A inclusão não se faz somente com os que ficam fora da escola. Dentro da escola muitos alunos são excluídos pelos professores e colegas. São excluídos quando nunca falamos deles, quando não os valorizamos, quando os ignoramos continuamente. São excluídos quando supervalorizamos alguns, colocando-os como exemplos em detrimento de outros. São excluídos quando exigimos de alunos com dificuldades de aceitação e de relacionamento, resultados imediatos, metas difíceis para eles no campo emocional.

Há uma série de obstáculos no caminho: a formação intelectual valoriza mais o conteúdo oral e textual, separando razão e emoção. O professor não costuma ter uma formação emocional, afetiva. Por isso, tende a enxergar mais os erros que os acertos. A falta de valorização profissional também interfere na autoestima. Se os professores não desenvolvem sua própria autoestima, se não se dão valor, se não se sentem bem como pessoas e profissionais, não poderão educar num contexto afetivo. Ninguém dá o que não tem. Por isso, é importante organizar atividades com gestores e professores de sensibilização e técnicas de auto-conhecimento e autoestima. Ter aulas de psicologia para auto-conhecimento e especialistas em orientação psicológica. Ações para **que alunos e professores desenvolvam sua autoconfiança, sua autoestima**; que tenham respeito por si mesmos e acreditem em si; que percebam, sintam e aceitem o valor pessoal e o dos outros. Assim será mais fácil aprender e comunicar-se com os demais. Sem essa base de autoestima, alunos e professores não estarão inteiros, plenos para interagir e se digladiarão como opostos, quando deveriam ver-se como parceiros.

3. O terceiro foco é o da formação do aluno empreendedor

Este é um campo quase inexplorado. A maior parte das iniciativas da escola permanece na aprendizagem intelectual de conteúdos. Professores e alunos estão acostumados a seguir modelos, receitas, fórmulas, padrões. O foco para a mudança é desenvolver alunos criativos, inovadores, corajosos. Alunos e professores que busquem soluções novas, diferentes. Que arrisquem mais, que relacionem mais, que saiam do previsível, do padrão.

“Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas”. (Freire,107)

“A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir e ser. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade” (Freire, 107)

A escola, segundo o empresário Wong, deve desenvolver os potenciais dos alunos com foco na imaginação e na criatividade. Mas alerta que de nada adianta ter criatividade sem espírito empreendedor. "O brasileiro tem muita iniciativa, mas falta "acabativa", brincou ao comentar que são poucas as pessoas que conseguem realmente colocar em prática suas ideias.⁷

"Precisamos ter claro que a escola não deve preparar o aluno para passar de ano, mas sim para ser um cidadão empreendedor. Ele deve crescer pensando em fazer algo diferente, que o entusiasme. E o papel da escola é ver até onde ele chega", afirma. O aluno brasileiro, segundo o executivo, sai da escola à procura de um bom emprego, enquanto o norte-americano busca um bom negócio. "É isso que precisamos mudar", complementa.⁸

Outra crítica do executivo diz respeito ao fato de os alunos serem condicionados a ter atitudes reativas em relação à qualquer situação. "É preciso que o estudante seja proativo e agente de mudanças e não que fique esperando que apareçam oportunidades". De acordo com Wong, essa atitude reativa reflete no profissional que ele se tornará no futuro.

A sociedade precisa de pessoas inovadoras, que se adaptem a novos desafios, possibilidades, trabalhos, situações.

É muito difícil ser criativo e empreendedor porque os professores foram preparados para repetir informações, fórmulas, procedimentos.

⁷ Marina ROSENFELD. "Guru" de recursos humanos critica escolas. Em www2.uol.com.br/aprendiz/noticias/congressos/id200504_02.shtml

⁸ Marina ROSENFELD. Idem.

Como ser criativo com uma formação repetidora, castradora?

Como incentivar o empreendedorismo com uma formação conservadora, acomodada, voltada para a segurança?

Como incentivar o empreendedorismo se damos provas de memorização e repetição?

Por isso precisamos trabalhar tanto os professores como os alunos.

Focar a pesquisa, o novo, encontrar ângulos, exemplos, relações, adaptações diferentes.

Superar a aprendizagem meramente intelectual e vivenciar mais os projetos, experiências e a resolução de problemas.

Propor e implementar ações a partir de informações. É uma nova postura pró-ativa, que contrasta com a forma tradicional de aprender, a partir de reflexões feitas por terceiros.

Sensibilizar e capacitar os professores para ações inovadoras, para tomar mais a iniciativa, para explorar novas possibilidades nas suas atividades didáticas, na sua carreira, na sua vida.

Sensibilizar os alunos para desenvolver novas atividades na sala de aula, no laboratório, em ambientes virtuais e mantendo vínculos diretos com a prática. Sair mais da sala de aula para inserção no cotidiano do bairro, no conhecimento e contato com pessoas, prédios, grupos, instituições próximas ou que tenham a ver com a área de conhecimento escolhida. Trabalhar também com os pais para que eles se modifiquem e estimulem os filhos a aprender a planejar, a estabelecer metas. Inserir a escola como uma organização que dissemina na cidade a sua visão empreendedora.

4. O quarto eixo é a formação do aluno-cidadão

“A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade” (Delors, 1998, p.99).

Não basta formar alunos empreendedores, se não possuem uma formação social, uma preocupação com os outros e um comportamento ético. O foco da educação não pode permanecer no nível pessoal, individual, na preparação para o trabalho somente. Por isso é importante focar também o desenvolvimento social, o engajamento numa sociedade mais justa, o compromisso do conhecimento pessoal com os que convivem conosco, com o país, com o planeta, com o universo. A educação precisa que cada aluno se insira na comunidade, desenvolva a sua capacidade de assumir responsabilidades e direitos.

. “a tarefa mais fundamental do professor é semear desejos, estimular projetos, consolidar com arquitetura de valores que os sustentem e, sobretudo, fazer com que os

alunos saibam articular seus projetos pessoais com os da coletividade na qual se inserem, sabendo pedir junto com os outros, sendo, portanto, competentes”⁹.

A ética não pode ser só uma matéria teórica, mas principalmente uma vivência prática. A educação pode transformar-se num processo de aprendizagem de humanização, de tornar professores e alunos pessoas mais plenas, abertas, generosas, equilibradas.

“Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos”. (Paulo FREIRE, Pedagogia da autonomia, 17)

Pela educação podemos aprender a integrar corpo e mente, as sensações, as emoções, a razão, a intuição. Podemos sentir e pensar com todo o corpo, como um todo, não só com a cabeça. Podemos perceber, sentir, entender, compreender, agir pessoal e socialmente, como pessoas cidadãs responsáveis e autônomas. Pela educação comunicativa vamos construindo redes complexas de interação pessoal, grupal e social. Quanto mais ricas estas redes, mais nos realizaremos como pessoas e mais úteis nos tornaremos para os grupos e organizações aos quais nos vinculamos.

Há uma série de dificuldades para a formação do aluno-cidadão: o mais forte é o individualismo, fortemente incentivado pela sociedade de consumo, pela mídia que enaltece valores diferentes dos da escola. A mídia, principalmente a televisão e, mais especificamente, a publicidade, valorizam a ascensão individual, o “self-made man”, a competição, a aparência, o ter como mais importante que o ser enquanto que a escola procura valorizar também o coletivo, a colaboração, a cooperação. A televisão mostra os valores despretensiosamente, enquanto nos entretém. A adesão do público é voluntária. A escola rema contra a corrente dominante e obriga o aluno a fazer escolhas mais difíceis, que exigem muito mais maturidade. O idealismo social é mais difícil de perceber do que a valorização individual.

No Brasil a educação ética é fundamental, porque é um dos países mais desiguais do mundo, com um relativo bom desempenho econômico, que não é acompanhado por índices semelhantes de desenvolvimento humano. Convive no país uma agricultura e negócios do campo avançados com a exploração, chegando até a escravidão dos trabalhadores. Apesar de o PIB por habitante do Brasil (US\$ 7.770) ser semelhante ao de alguns países de alto desenvolvimento humano, 20% da população mais pobre do Brasil tem acesso a apenas 2% da renda ou do consumo, enquanto os 20% mais ricos detêm 64,4% da riqueza¹⁰.

A escola não pode ser muito diferente da sociedade porque é formada por pessoas da mesma sociedade e também vive nela. Politicamente precisamos fazer todo o esforço

⁹ Nilson José MACHADO. Sobre a idéia de competência. In Philippe PERRENOUD. As competências para ensinar no século XXI. p. 154

¹⁰ Dados do relatório do PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento divulgado em 15-07-2004.

possível para que a escola seja um lugar de colaboração, de inclusão, de aumento de consciência. Mas não se pode esperar ter uma escola “ideal” numa sociedade desigual, complicada, contraditória.

Por outro lado, é na escola que podemos experimentar situações novas de mudança, mesmo que parciais, de aprendizagens de novos modelos, formas de colaboração. Podemos fazer atividades inovadoras juntos, porque o resultado não se expressa necessariamente na venda de um produto, em metas puramente econômicas de conquista de mercado. A escola pode arriscar mais, criar situações novas, permitir-se aprender com os erros e buscar o desconhecido, ao menos em parte.

A escola pode incluir a comunidade ao seu redor, fazer pontes com as situações reais de aprendizagem existentes, vivenciadas na prática. Pode oferecer espaços de atualização para famílias e comunidade e, em troca, abrir a escola para que os alunos façam pesquisas, práticas, contatos com o cotidiano. Uma escola fechada com altos muros e grades é um exemplo de insucesso pedagógico. Se está situada em uma região carente, tem que dialogar com essas pessoas, grupos, comunidade. Se ela é mais rica do que o ambiente que a rodeia, deve abrir-se com mais razão ainda, oferecer seus serviços, mostrar que o bairro ganha com essa integração.

A escola não pode só ensinar a aprender, a preparar só para a vida profissional. A educação social é importante para poder compreender as raízes da desigualdade e para encontrar meios de diminuí-la.

Um outro obstáculo importante é que a ética com frequência permanece no nível do discurso, da pregação; precisa estar ancorada na prática, no exemplo. E há uma grande distância entre a ética pregada (teoria) e a cumprida (prática), tanto na escola como na sociedade. Essa distância complica muito a efetiva aprendizagem e incorporação desses valores fundamentais.

Estes quatro eixos se relacionam com os quatro pilares da educação do relatório DELORS¹¹: saber compreender, fazer, comunicar-se e ser. Aprender a compreender implica em lidar com a complexidade, a ignorância, o erro, a descoberta, a infundável caminhada ao longo da vida, em tornar o conhecer um objetivo de realização pessoal e social.

Aprender a fazer, nos lembra a relação necessária entre teoria e prática, entre o fazer e o compreender e desafia nossa organização educacional, muito mais focada na leitura do que na experiência. Aprender a comunicar-se é um dos componentes essenciais do educar: aprendemos quando nos comunicamos, quando trocamos, quando somos reconhecidos. E aprender a ser parece simples, mas é mais sutil e complexo, porque implica em aprender a integrar valores, práticas, reflexão e atitudes de vida. São quatro pilares fundamentais para a aprendizagem individual e social e para o ensino, em qualquer área.

¹¹ **Educação: um tesouro a construir.** Cap. IV: Os quatro pilares da educação.

A ética, em todas as instituições e na escola também, se ensina mais pelo exemplo do que pela palavra. Uma escola séria, de qualidade, transmite seus valores nas situações que se apresentam no cotidiano. A escola especificamente pode preocupar-se com a ética como um tema fundamental, transversal a todas as áreas e disciplinas. Todos somos responsáveis por dar um enfoque ético nas situações didáticas que se apresentam. A escola precisa propor atividades em que os alunos exerçam sua responsabilidade e que isso faça parte do projeto pedagógico e que não seja simplesmente colocado como ações voluntárias. A ética se pratica através de propostas organizadas e valorizadas institucionalmente¹².

Consequências destas bases para a educação

Não tem mais lugar na educação, principalmente na área de humanas, a busca pela resposta certa, única, correta. Temos respostas aproximadas, prováveis, adequadas ao momento. Não tem sentido os testes de múltipla escolha; a avaliação de conteúdo único.

A aprendizagem precisa ser ativa, focada na experiência, em projetos, em solução de problemas, em criar situações novas. Não tem mais sentido focar as aulas só no conteúdo teórico, na memorização, na competição.

Professores afetivos, climas de entendimento com os alunos não se improvisam, não surgem do nada. É importante focar na formação de professores estas novas dimensões: a emocional, a empreendedora e a ética. O professor tem que passar por experiências de risco, de criatividade, de inovação. Os cursos atuais de formação não se preocupam com isso. A aprendizagem intelectual deve ser mais humilde, construída, interativa e integrada com o risco, com a visão integradora, contextualizada e afetiva. Todos os professores e alunos deveriam passar por etapas de aprendizado destas novas situações. Todos os alunos precisam ter em todas as etapas da sua aprendizagem uma vinculação profunda com a realidade, principalmente com a realidade carente, pobre, diferente. O aluno aprende mais se combina estudo com projetos e com imersão em atividades sociais e culturais com grupos diferentes dos que está habituado. Todos os programas, em todos os níveis educacionais, podem incorporar tempos específicos de prestação de serviços, de colaborar com os menos favorecidos, de retribuir o que a sociedade nos oferece para que dediquemos muitos anos à aprendizagem.

Só as tecnologias não dão conta desta nova pedagogia, desta nova postura necessária para uma educação inovadora. Mas, pressupondo estas bases, as tecnologias facilitam e muito esta inovação.

¹² Ver o artigo de Cláudio de Moura Castro. Escola para cidadania in <http://novaescola.abril.com.br/cidadania.doc>